

Nossas palmeiras imperiais

Muito nos alegrou o possível tombamento das palmeiras imperiais da Avenida Ana Costa, conforme matéria publicada em *A Tribuna* na última sexta-feira. Tomados por grande emoção fomos então reler os recortes do jornal, guardados há décadas com tanto carinho entre dezenas de outros, os quais relatam parte de nossa luta lá no passado, tentando convencer as autoridades sobre o motivo do problema e o que fazer para salvá-las. Além da perda irreparável de cada uma delas, o risco que corríamos com tão pesado vegetal desabando em nossa cabeça era muito grande. Lembramos que isso acontecia no final de 1979 e começo de 1980.

Àqueles que já não se recordam ou eram ainda muito jovens, lembramos que as plantas simplesmente tombavam sem aviso algum, a qualquer hora, com todo o peso daquele enorme estipe, o que causava medo à população de transitar pela avenida.

Desde a primeira delas tombada pelo vento, insistíamos que o problema era a falta de raizame, anomalia motivada pela má oxigenação do solo, e sugeríamos que abrissem um pouco mais o piso ao redor do colo das plantas.

Os responsáveis pelo horto municipal apontavam a possível existência de fungos ou outros insetos como os culpados pelo problema.



Em março daquele ano, entomologistas do Instituto Biológico aqui estiveram e nada acharam de significativo nas folhas examinadas. E as palmeiras imperiais continuavam a tombar!

A Tribuna publicou vários artigos e entrevistas com nossas sugestões e reclamações. Nessa época, já alertávamos a administração para os problemas futuros devidos à monocultura do ingá plantado então em centenas de ruas da Cidade. Defendíamos que árvores desse porte necessitavam de espaço para crescer corretamente e assim deveriam ser plantadas em canteiros centrais de avenidas, praças e laterais dos canais, não tendo assim no futuro sua arquitetura prejudicada pelas necessárias podas. Hoje, infelizmente, pagamos caro para “manter” tais árvores.

Hoje tememos, e muito, pelo paisagismo da praia, com os exóticos chapéus-de-sol já há tempos afetados pela enorme quantidade de erva de passarinho, incontáveis galhos secos e podres, comprometendo

do sua arquitetura, e com data certa para serem consumidos por essas terríveis hemiparasitas. Vamos simplesmente deixá-los morrer sem tomar atitude alguma para recompor daqui há poucos anos nossos jardins?

Mas voltemos às palmeiras imperiais. Com a queda de mais uma delas, noticiada em 9/10/79, voltamos a insistir sobre a necessidade

de revermos o problema do calçamento ao redor das plantas.

Em junho de 1980, depois da anuência do saudoso amigo e editor do jornal à época, Carlos Klein, sobre a possibilidade de trazer um técnico de renome para opinar sobre o problema, convidamos o também saudoso engenheiro agrônomo Hermes Moreira de Souza. Fizemos uma vistoria nas palmeiras da Avenida Ana Costa e sua abalizada opinião coincidiu com a nossa. Dois dias depois de publicada essa matéria, o então prefeito Paulo Gomes Barbosa ordenava que fossem retirados os ladrilhos junto às plantas, e desde então nunca mais a Cidade experimentou o desespero de ver vegetais tão maravilhosos morrerem por absoluta falta de conhecimentos técnicos.

Que sejam elas tombadas pelo Condepasa, e que recebam o melhor trato cultural possível, já que se constituem numa das marcas da Cidade, e merecidamente admiradas pelos seus moradores e visitantes.